



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

REGIS AGUIAR DUTRA

**A PRODUÇÃO DE VÍDEO CONTRIBUINDO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Pelotas/RS

2017

REGIS AGUIAR DUTRA

**A PRODUÇÃO DE VÍDEO CONTRIBUINDO NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Prof. Dr. Josias Pereira da Silva

Pelotas
2017

REGIS AGUIAR DUTRA

**A PRODUÇÃO DE VÍDEO CONTRIBUINDO NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovado em 17 de março de 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Josias Pereira da Silva

Prof^a. Rozane da Silveira Alves

Prof^a. Dra. Thaís Philipsen Grützmann

Pelotas-RS
2017

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, pela força que me deu para enfrentar a vida, os talentos que tenho e as boas pessoas que ele colocou em meu caminho. Agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram em minhas decisões, deram os recursos que não tiveram para que eu e o meu irmão realizássemos nossos objetivos e sonhos, me proporcionaram tudo que eu precisava para ser o que hoje eu sou, e o que serei. Ao meu irmão Roger, sempre agradecerei pelos conselhos, apoio e encorajamento que me deu. Agradeço a minha amada Thaísa Bozzetti por ter me encorajado, apoiado e vivido ao meu lado nestes anos difíceis. Sem ti, tudo seria insuportável, sem ti eu não teria um verdadeiro motivo de lutar e ter uma vida melhor, te amo, meu amor. Agradeço ao meu amigo Elvis, pelas conversas motivacionais que tivemos. E agradeço ao meu orientador Josias Pereira por ter me despertado a vontade de seguir o caminho da Educação.

Dedico este trabalho a todos que foram mencionados neste agradecimento, e a todos aqueles que de alguma forma, direta ou indiretamente contribuíram para a minha construção e conclusão deste curso.

RESUMO

A produção de vídeo nas escolas vem crescendo desde os anos 1980. Hoje, devido à acessibilidade a tecnologias simples de gravação de vídeo como, por exemplo, os *smartphones*, a produção de vídeo nas escolas vem sendo popularizada, inclusive entre alunos com menor poder aquisitivo. O objetivo deste trabalho foi detectar as contribuições da produção de vídeo nas escolas tendo como objeto de estudo os alunos e professores participantes do Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão/RS em 2016. Para isso, foram realizadas entrevistas registradas em áudio e vídeo com professores e alunos das escolas participantes durante e depois do projeto de edição. Este artigo comprova que a produção de vídeo em ambiente escolar pode contribuir positivamente na relação professor-aluno-escola.

Palavras-Chave: Cinema; Educação; relação; professor; aluno

ABSTRACT

Video production in schools has been growing since the 1980s. Today, accessibility to simple video recording technologies such as smartphones, this production has been popularized, including among students with low purchasing power. The aim of this study was detect contributions of video production in schools, with and teachers participating in the Student Video Festival of Capão do Leão/RS in 2016 as objective. For this, interviews were recorded in audio and video with teachers and students during and after the editing project. This article proves that video production in school environment can contribute positively to teacher-student-school relationship.

Keywords: Cinema; Education; relationship; teacher; student

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. JUSTIFICATIVA	2
3. REFERENCIAL TEÓRICO	5
4. METODOLOGIA	9
5. ANÁLISE DOS DADOS	10
5.1 ESTRUTURA E DIFICULDADES DA ESCOLA	10
5.2 O VÍDEO COMO FORTALECEDOR DE RELAÇÃO SOCIAL AFETIVO	11
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
7. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	16

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos no modelo tradicional de escola, dificilmente deixamos de imaginar um ambiente com um professor posto à frente de um quadro negro (ou verde), e filas de alunos sentados em suas cadeiras. Este professor, classicamente detentor das informações. Este “tipo de professor” passa o conteúdo aos seus alunos, como se esta forma de educação previamente definida fosse a ideal para prepará-los para serem seres pensantes, livres e conhecedores do mundo ou simplesmente conhecedores de técnicas para trabalhos em alguma atividade comercial ou industrial.

Segundo Papert (1994) se um médico e um professor do século passado viessem para o presente o médico não poderia exercer sua profissão em função das mudanças ocorridas. Já o professor ao ver a sala de aula poderia tranquilamente lecionar sua disciplina. O autor queria mostrar como a escola não mudou nas últimas décadas.

Na LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, artigo 3º descreve que o ensino será ministrado com base em alguns princípios, dos quais: “II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; X - valorização da experiência extra-escolar.” (BRASIL, 1996, p. sp). Será que os docentes utilizam essas recomendações da LDB ?

As regras impostas, a postura de alguns educadores em sala de aula e até a disposição das classes podem criar um ambiente disciplinar rígido e intimidador para os estudantes. Será que essa forma tradicional de educar contribui para uma relação horizontal entre professor e aluno ou estamos simplesmente reproduzindo o medo que os alunos têm do professor dono da nota em contraste a esta relação entre educando e educador?

Uma ação que vem crescendo desde os anos 1980 é a produção de vídeo estudantil. Conforme informa Pereira (2007) ele diz que no início essa produção estudantil era precária, feita em VHS e sem muitas condições de edição. Porém, com a globalização iniciada em 2000 e o barateamento dos equipamentos, essa ação se intensifica no Brasil. Josias Pereira (2007) é professor dos cursos de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas, referência nos estudos aplicados aos vídeos estudantis e fundador do projeto de extensão de produção de vídeo nas escolas na mesma universidade.

Com o desenvolvimento dos telefones inteligentes (smartphone), que possuem em sua maioria câmeras que gravam em HD e Full HD, os alunos, mesmo de menor poder aquisitivo, têm a possibilidade de gravar com qualidade técnica aceitável. Segundo Pereira e

Janhke (2012), a produção de vídeo é uma realidade das escolas no Brasil visto o número de festivais e vídeos feitos por professores e alunos. Como a produção de vídeo modifica a relação professor e aluno? Será que esse fazer vídeo dentro do espaço escolar contribui no processo educacional?

Nosso problema de pesquisa é: como a produção de vídeo feita por alunos e professores contribui no processo de ensino-aprendizagem dos alunos? O objetivo geral foi detectar as contribuições da produção de vídeo nas escolas participantes do I Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão em 2016, principalmente no que diz respeito à relação social e afetiva entre professor, aluno e escola.

Os objetivos específicos foram:

- Analisar os depoimentos de alunos e professores durante e após a produção de vídeo, buscando compreender como os professores e alunos trabalharam juntos.
- Descobrir se esta relação em sala de aula contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

2. JUSTIFICATIVA

Na perspectiva estatística, a pesquisa “Quem são os Jovens fora da escola”, elaborada pelo Instituto Unibanco (2016) chamou a atenção para o número de alunos que evadem as escolas públicas brasileiras. Os dados apontam que 1.7 milhões de jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola, 16% desta faixa etária (Unibanco, 2015). Em 2014, 52% destes jovens não concluíram o ensino fundamental, 16% concluiu o fundamental, mas não entrou no ensino médio, 13% ingressou no ensino médio, mas não o concluiu e 19% concluiu todo o ensino médio (UNIBANCO, 2015). De 1.3 milhão de jovens de 15 à 17 anos fora da escola sem o ensino médio concluído, 610 mil são mulheres. Marcelo Neri (2010) buscou identificar os motivos do abandono utilizando entrevistas com estes jovens. O autor separou os motivos em quatro grandes grupos, a saber: i) dificuldade de acesso à escola (10,9%); ii) necessidade de trabalho e geração de renda (27,1%); iii) falta intrínseca de interesse (40,3%); iv) outros motivos (21,7%). É possível notar que o terceiro grupo tem a maior representação destes jovens, o que o autor atribui que os mesmos desconhecem o que ele chama de “potenciais prêmios oferecidos pela educação” (NERI, 2010, p.36) e se define basicamente pelos

benefícios que a educação pode trazer na vida adulta, que é refletida segundo o autor, no retorno financeiro, na saúde, e na educação do indivíduo.

É possível questionar: o que leva o jovem a perder o interesse pela escola? Se levarmos em conta que o salário médio dos universitários é 544% superior ao dos analfabetos (NERI, 2010), é possível descartar a falta de vantagens futuras do estudo como motivo e considerar o desconhecimento destas vantagens por parte destes alunos.

(...) a hierarquia educacional se reflete nas hierarquias de ocupação e salários. Exemplo: a trajetória de salários por nível educacional vai desde os R\$ 392 de salário (2,42 reais de salário-hora) dos analfabetos até os R\$ 3.469 de salário (20,7 reais de salário-hora) daqueles que já frequentaram a pós-graduação. Similarmente, a taxa de ocupação entre os extremos do espectro educacional sobe de 59,9 % para aqueles que nunca passaram de um ano de estudo, até 86,4% daqueles que já sentaram nos bancos da pós-graduação. Mesmo quando comparamos pessoas com as mesmas características sócio-demográficas — como sexo, idade, raça e geografia — menos a educação, os salários dos universitários é 544% superior ao dos analfabetos e a chance de ocupação, 422% maior. O que impressiona nesses dados é a regularidade da correspondência do ranking onde cursos de nível mais alto apresentam melhor inserção trabalhista. (NERI, 2010, p.30)

Na pesquisa “Porque você perde os seus alunos” Soares, (2011) relacionou respostas de 2.765 alunos que estavam cursando o ensino médio em 46 escolas da rede pública em Minas Gerais. O autor foi às residências de 600 jovens que haviam largado os estudos entre 2006 e 2009. Os resultados apontaram fatores relevantes que contribuem para o alto índice de abandono, a saber: “baixa condição socioeconômica, gravidez, necessidade de trabalhar para ajudar a família e defasagem idade-série” (SOARES, 2011, p.6). O autor também salienta a relação aluno-escola como aspecto importante na evasão do aluno na seguinte citação:

Mas o estudo mostra também que aspectos relacionados à própria relação aluno-escola são extremamente importantes e provocam uma perda considerável entre aqueles que teriam um perfil menos vulnerável e poderiam, teoricamente, permanecer estudando. (SOARES, 2011, p.6).

A relação aluno-escola já é discutida em vários estudos e possivelmente poucos podem discordar de sua influência na qualidade de aprendizagem do aluno. É viável considerar este aspecto não só importante para a diminuição da evasão escolar, mas também provocador de vários outros problemas na educação brasileira. Entender melhor o que interfere nesta relação é relevante para melhorar a comunicação entre aluno-escola o que possivelmente terá como benefício o aumento no aprendizado.

Hoje com a acessibilidade à tecnologia, tornou-se mais fácil, também, o acesso à informação comparado aos anos 80 e 90, por exemplo. Podemos ter em mente que a criança já entra na escola com algum nível de informação, advinda, também, destas tecnologias. Se torna um erro não utilizar este recurso como agente agregador na escola, tendo em vista que o aluno continua acessando a informação mesmo fora do ambiente escolar. Não é difícil notar escolas agregando a tecnologia no cronograma escolar buscando uma ligação maior com o universo do aluno. Deste modo é possível notar que há o interesse das escolas em ter uma relação mais próxima com o cotidiano do discente, busca-se a partir daí mais meios de comunicação que pertençam a este universo. Para tanto, não podemos descartar ferramentas que já estão agregadas no mundo do jovem; como por exemplo, o cinema, que não está somente nas salas de calçada e do shopping, mas também na internet, televisão e smartphone.

É possível representar o cinema nas escolas através da reprodução do vídeo em sala de aula como um instrumento pedagógico, tendo a intenção de reforçar o conteúdo abordado no filme ou até mesmo uma forma de entretenimento, sendo por vezes um “tapa buraco” como elucidado José Manuel Moran (1995). Por outro lado o cinema pode ser utilizado, também, como ferramenta que fortalece o social afetivo com a comunidade escolar por meio de produções entre alunos e professores.

Essa experiência foi realizada por Giovana Janhke (2012), professora de língua portuguesa da EMEF Independência, da cidade de Pelotas, a qual teve a ideia de produzir um filme com os alunos da escola. A intenção era permitir uma expressão da vida e cotidiano desses alunos utilizando a linguagem audiovisual como comunicação. Sem o conhecimento teórico e técnico para iniciar tal trabalho, Janhke (2015) buscou apoio na Universidade Federal de Pelotas sabendo que lá existe o Curso de Cinema e Audiovisual. Josias Pereira, professor do curso comprometeu-se em colaborar já que, havia realizado trabalho semelhante com alunos na cidade do Rio de Janeiro e de Maringá/ PR e sugeriu a realização de oficinas, para a formação técnica dos estudantes. Os alunos passaram por oficinas de roteiro e produção. Desenvolveram roteiros e juntos escolheram alguns realizando as produções dentro do ano de 2011.

O projeto foi ampliado e no ano seguinte foi criado em Pelotas o Festival de Vídeo Estudantil da cidade e assim o projeto teve prosseguimento nos anos seguintes com novas escolas sendo agregadas. Sinal este de interesse das instituições em incluir meios alternativos de ensino e melhorar relação com os alunos. No I Festival foram 25 escolas participantes do projeto.

Muitos professores participantes dos projetos anteriores relataram benefícios que foram agregados ao aluno em relação à escola. Os benefícios vão desde uma comunicação melhor entre professor e aluno - devido a afinidade que criaram durante o processo de filmagem -, até um maior convívio com os colegas. Compreender melhor como a produção de vídeo nas escolas tem acrescentado no ensino é importante para desenvolver novas maneiras de serem aplicadas na educação. Levando em conta que a tecnologia para filmar é mais acessível do que em outras épocas, podendo ser empregada com criatividade pelas escolas interessadas, e como dito antes, aperfeiçoada. Para tanto a compreensão do projeto e suas contribuições se faz necessária.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Usamos como um dos teóricos o pedagogo e advogado Paulo Freire e o seu livro “Pedagogia do Oprimido” de 1982. O autor trabalha conceitos de opressão e liberdade do ser. Ele defende uma educação que prepare o aluno para ser livre e que construa um mundo melhor em conjunto. Para Freire o diálogo que gere reflexão e ação, movidos por humildade, amor e fé são fundamentais para criar consciência da situação em que se está e juntos recriar esta situação. Além disso nesta obra, Freire aborda os conceitos de educação bancária, educação problematizadora e temas geradores.

Outro livro é o dos professores Josias Pereira e Giovana Janhke intitulado “Produção de vídeo nas escolas; Educar com prazer”, do ano de 2012. Os autores apresentam o estudo de caso da aplicação da produção de vídeo na escola Independência em 2011. Esta obra contém depoimentos de alunos que participaram das produções de vídeos, e reflexões de neurociência aplicada à produção de vídeos.

No livro “Produção de Vídeo nas Escolas Uma visão Brasil - Itália - Espanha – Equador”, (2014) Josias Pereira aborda a relação prática da produção de vídeo. A obra traz teorias relacionadas à produção de vídeos em escolas realizadas por pesquisadores renomados e também relatos de professores que aplicaram a produção de vídeo no Brasil e em outros países.

Já a cineasta Kelly Demo Christ, em seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), escreve sobre “Perspectivas de Ensino e extensão com o Cinema: Um estudo a partir do projeto oficina de vídeo estudantil” (2015). A pesquisa observa as temáticas trabalhadas pelos alunos em seus vídeos produzidos nas escolas e a relação destas com a realidade dos

realizadores. O estudo apresenta, também, possibilidades de trabalhos pedagógicos que podem ser utilizados com a produção de vídeos. Esta obra contribui para entendermos como a realidade dos realizadores, representadas em suas obras podem se tornar temas geradores para os professores trabalharem em salas de aula.

Em seu TCC de Pós-Graduação, a aluna Andréa da Silva apresenta o seu texto intitulado “A produção audiovisual como recurso pedagógico capital cultural e autoestima” do ano de 2016. A autora aborda a produção audiovisual aplicada à educação e esta, como instrumento auxiliar no aumento da autoestima.

Pensar na produção de vídeos como instrumento pedagógico é pensar, também, em uma relação horizontal entre professor e aluno, que contradiz o atual sistema de “educação bancária” (FREIRE, 1982). Segundo Pereira e Janhke (2012), a produção de vídeo possibilita que professor e aluno aprendam juntos. Quando analisamos essa frase lembramos Freire (1982) que informa que o professor tem que ter “humildade”, onde o professor tem a consciência de que não sabe de tudo e que pode aprender algo com o aluno. Da mesma forma, o aluno tem a oportunidade de ensinar algo ao seu professor podendo sentir-se no mesmo nível de relação, sem encarar o professor como alguém intimidador por seu saber e posição como detentor desse saber, sem haver um opressor e oprimido, gerando uma criação horizontal e conjunta do conhecimento. Esse processo de relação horizontal é possível, neste caso, quando professor e aluno trabalham em prol da realização do mesmo objetivo, que é a produção de um filme. Como exemplo, o aluno pode ensinar algo que aprendeu na internet sobre edição para o professor, ou o professor que ensina algo aos alunos que aprendeu quando assistiu a um filme na TV. Ou seja, professor e aluno trabalham algo que é parte da realidade dos dois. Essa ação acontece graças ao que Freire (1982) chamou de tema gerador, ou seja, utilizar os signos que os alunos possuem para ensinar, diminuindo a “distância” entre docente e discente. Christ (2015) em sua pesquisa nos mostra que houve situações entre professor e aluno durante as gravações do vídeo que resultaram em uma interação que atingiu um caráter de maior intimidade entre eles. Esta relação horizontal pode tornar o aluno não temeroso ao seu professor e fortalecer uma relação de respeito, conforme podemos observar no depoimento de Giovana, após a finalização do projeto de produção de vídeo nas escolas em 2011: “Eu percebo que hoje vocês (alunos), têm um respeito em relação ao meu trabalho, muito maior do que tinha no começo, acho que hoje vocês acreditam mais que é possível aprender coisas novas na escola.” (PEREIRA; JANHKE, 2012, p. 55).

Uma relação horizontal permite principalmente que haja um diálogo em sala de aula. Para Freire (1982) nada mais é que o encontro dos homens mediados pelo mundo para

construir este mundo e para conviver nele. E neste diálogo deve incluir uma reflexão sobre o mundo com vista na construção de um novo mundo (FREIRE, 1982). Para tanto só é possível este diálogo estando ambas as partes dialogantes munidos de humildade, sendo consciente de que ambos são seres em construção e que não sabem tudo (FREIRE, 1982).

Segundo Pereira (2014) produzir vídeo gera emoção e esse é um dos segredos da produção de vídeo estudantil fazer tanto sucesso com os alunos. Para o autor uma escola que gera prazer, gera bom aprendizado. É possível relacionar a qualidade de aprendizado com a emoção obtida no momento do envio da informação. Esta emoção durante a produção de vídeo pode advir de uma relação prazerosa com os colegas e professores, momentos divertidos no *set*, e na satisfação na realização de uma obra de arte conjunta. Pereira e Janhke (2012) defendem esta escola prazerosa aos alunos, e relaciona o aprendizado a este prazer.

Não faço a apologia ao extermínio do modo tradicional de ensino, só tenho a convicção de que uma escola que não gera prazer, uma escola onde o aluno entra esperando a hora da aula acabar, não pode gerar um aprendizado convincente. Defendo que a escola deve gerar prazer. Prazer em conviver, em criar, em exercer o papel de sujeito, tanto dentro dos muros da escola, como na comunidade. (PEREIRA; JANHKE, 2012, p. 13)

A emoção no processo de memória é importante, pois ela funciona como um catalisador que registra na memória aquilo que é importante (PEREIRA; JANHKE, 2012). Do mesmo modo estas informações podem ser acessadas com maior facilidade por terem sido gravadas na memória de longo prazo com emoção. A escola sendo um lugar que não proporcione o prazer para o aluno pode ser motivo de vários problemas de aprendizagem, conforme citado:

Perceba prezado leitor que se existe emoção no processo de fixar a informação essa mesma informação pode ser acionada de forma mais rápida pelo sujeito em questão. Por isso, o uso apenas do racional na educação formal pode ser um dos motivos dos problemas encontrados. (PEREIRA; JANHKE, 2012, p. 44).

Concordando com o último parágrafo podemos notar no retorno de alunos à diversão como estímulo para a execução da tarefa. Além disto, eles afirmaram que foi mais fácil aprender no processo das produções do que durante a aula formal. Neste caso a professora utilizou as oficinas de roteiro para ensinar sua disciplina, aproveitando o fato de que os alunos estavam em processo de produção de roteiro para adentrar no assunto de produção textual. A questão abordada aos alunos foi: “Vocês perceberam a importância da

leitura e da escrita? Vocês acham que aprendem mais decorando textos de livros ou fazendo vídeos? Por quê?” (PEREIRA; JANHKE, 2012, p. 45)

Os alunos responderam que produzir vídeo também dá trabalho, porém preferem fazê-lo.

Alunos- Sim, pois tem que saber escrever pra fazer o roteiro. Fazendo vídeo, porque decorar é mais chato, e o texto a gente acha fácil, por exemplo, para fazer a gravação nós tivemos que copiar do quadro e todo mundo acha chato copiar do quadro, mas como esta fazendo uma coisa divertida tu grava e se envolve mais. Depois tivemos que ler em casa, conversar com os amigos sobre o tema, sei lá, parece até que a gente trabalhou mais para fazer o vídeo que para estudar. Quando tu ta estudando, ali colocando a mão na massa, ta vendo as coisas acontecerem, você vai aprender mais, vai querer fazer mais, vai querer saber mais, vai desenvolver melhor. (PEREIRA; JANHKE. 2012, p. 45).

Podemos notar, também, que os alunos podem estender o assunto de aula além dos muros da instituição, fora do horário da escola e de uma forma prazerosa, sem necessariamente que haja uma cobrança por tirar uma nota vermelha.

Alunos - Tem uma coisa, que se a gente copia do quadro, eu chego em casa e nem olho mais pro caderno, e isso aí (vídeo) eu ficava em casa pensando, lendo o roteiro, e conversando com os amigos, isso que a gente nem conversa sobre matéria normal. (PEREIRA; JANHKE, 2012, p. 56)

Como vimos até aqui, a produção de vídeos nas escolas pode proporcionar uma relação mais horizontal entre professor e aluno, possibilitando que ambas as partes trabalhem em conjunto em prol de um objetivo. Além disto, podemos perceber que a produção de vídeo funciona como um estímulo emocional durante o processo, elemento essencial para a gravação de informação, o que proporciona oportunidade ao professor de inserir as suas disciplinas neste processo. Partindo deste último argumento, como o professor pode utilizar a produção de vídeo em benefício de suas disciplinas? Paulo Freire (1982) defende que o conhecimento deve partir da realidade do aluno. A proposta do projeto de produção de vídeo nas escolas geralmente sugere que os alunos façam roteiros simples que tenham a ver com o seu cotidiano. Christ (2015) em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual, fez um levantamento dos vídeos realizados em Pelotas e Rio Grande entre os anos de 2012 e 2015 e nos mostra que alunos cujas escolas estão situadas em bairros com um índice alto de violência retrataram em seus roteiros assuntos que envolviam homicídio. Além disto, Christ (2015) mostra o relato de uma professora da EMEF Afonso Vizeu em Pelotas, que na discussão do roteiro com seus alunos pôde notar que a temática de *bullying* era uma grande preocupação por parte dos discentes. É possível perceber a partir

disto que elementos de sua realidade podem ser inseridos em seus roteiros, e estes podem ser percebidos pelo professor e transformá-los em temas geradores (FREIRE, 1982), que são formas de trazer o mundo para as salas de aula, e estes temas geradores só podem ser trazidos havendo uma investigação prévia da realidade do aluno.

4. METODOLOGIA

O estudo realizado foi uma pesquisa qualitativa que, segundo Gil (2007), é o primeiro passo para um pesquisador iniciar sua pesquisa. Segundo Ludke e André (1986), esse tipo de pesquisa dá ênfase à perspectiva dos participantes e “tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (p.11). Como abordagem foi realizada um estudo de caso.

“O estudo de caso visa à descoberta, mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo.” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 18).

Uma das vantagens do estudo de caso foi a possibilidade de interpretar o contexto, bem como modificá-lo conforme as novas evidências que apareceram no curso da pesquisa.

Como instrumento foi realizado visitas *in loco*, entrevista com professores e alunos e em seguida análise dos dados observados durante a ação da pesquisa. Escolhemos o I Festival de vídeo Estudantil de Capão do Leão como estudo de caso deste trabalho, em função de ser morador da cidade e compreender como essa ação inédita na cidade iria se desenvolver. Foi realizada entrevista com os professores e alunos participantes durante e após a produção de vídeo desta edição, incluindo durante a entrega dos prêmios no Festival de vídeo de Capão do Leão, somando em torno de cinco horas de material de áudio e vídeo. Parte destas entrevistas está acessível no vídeo de complemento deste artigo disponível no link: <https://youtu.be/dUVep5r33IU>.

Foi feita uma pesquisa aberta aos participantes, o que proporcionou um aprofundamento e objetividade nas respostas, deixando o entrevistado mais a vontade em responder. As entrevistas foram realizadas por meio de áudio e vídeo que serão utilizados em um documentário que reúne entrevistas semelhantes de professores e alunos participantes de todos os festivais promovidos pelo projeto de extensão no Rio Grande do Sul.

As perguntas recorrentes foram:

Como está acontecendo a produção de vídeo?

O que os alunos estão achando?

Quais estão sendo as dificuldades para a produção do vídeo?

A produção de vídeo está refletindo e contribuindo em sala de aula?

Você notou alguma diferença na relação entre os alunos e entre professor e aluno?

Além destas indagações novos questionamentos poderiam ser inseridos de acordo com a resposta do entrevistado e a curiosidade do entrevistador, por este motivo serem perguntas abertas. As entrevistas levantadas foram feitas na perspectiva de responder se a produção de vídeo feita por alunos e professores na cidade de Capão do Leão contribui no processo educacional.

Foram realizadas duas ações:

1 - Observar *in loco* como estes professores sujeitos da pesquisa realizaram a produção de vídeo e sua relação com os alunos

2 - Entrevistar alunos e professores sobre a produção de vídeo e qual a diferença para aula tradicional.

Acompanhamos estes professores e alunos durante cinco meses desde as oficinas de vídeo até a entrega dos prêmios. Após, foi realizada uma análise dos dados na luz das teorias estudadas, que resultaram em dois blocos de dados apresentados a seguir. Os nomes dos entrevistados foram preservados e representados neste artigo somente por suas iniciais, de modo a proteger a identidade dos participantes.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Estrutura e Dificuldades da Escola

Observando os vídeos produzidos pelos alunos participante do I Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão, muitos deles revelam o ambiente físico da escola e não é difícil perceber pelas imagens, algumas escolas de Capão do Leão com paredes sujas, livros

amontoados e não em estantes, classes rabiscadas e armazenadas em corredores como podemos constatar no vídeo *Vivendo ao Custo*, produzido pelos alunos da Escola Prof, Elmar da Silva Costa. A estrutura defasada nos ambientes de escola pública é uma discussão antiga. Além disto, a reclamação de salas superlotadas, professores assalariados, merenda insuficiente, transporte, entre outras reclamações já consolidadas e recorrentes pelos próprios professores, mídias, alunos e governo.

As maiores dificuldades dos professores nesta edição do festival foram semelhantes à de outros que participaram nas demais cidades. Apesar de a produção de vídeo poder ser realizada com equipamentos simples como *smartphones*, hoje disponível praticamente em todos os bolsos dos alunos, ainda é necessário uma edição dos vídeos. E por praticidade o ideal é que esta edição seja em computadores, que nem sempre são disponibilizados nas escolas. As reclamações dos professores foram principalmente relacionados à falta de programas básicos para trabalharem, e também, baixa velocidade ou inexistência de internet para poderem ter acesso a tutoriais e trilhas musicais para atribuição nos vídeos. No caso da escola Prof.^a Delfina Bordalo, a professora utilizava a internet de sua casa, fora do expediente de trabalho, para poder baixar o material para os seus alunos, além de por vezes utilizarem computadores pessoais para trabalharem.

Ademais o projeto necessitou o apoio da secretaria de educação da cidade no qual foi requisitado transporte para os alunos participarem de eventos promovidos para o aperfeiçoamento e conhecimento dos alunos participantes realizados pela Universidade Federal de Pelotas.

Outra reclamação recorrente por parte de alguns professores foi relacionada ao seus conhecimentos com a produção de vídeo. Por ser uma atividade que sai da formação do professor, este precisa aprender mais para poder instruir seus alunos. Neste caso foi disponibilizado pelo projeto de extensão materiais de apoio para auxiliar o professor, além de bolsistas que ajudaram por meio de *Skype*, *Facebook* e *Whatsapp*.

5.2 O vídeo como fortalecedor de relação social afetivo

Em geral além de se adaptar às condições físicas e estruturais da escola, o aluno precisa se adaptar à sociedade existente na escola sendo aceito entre os colegas. É possível que além dos grupos que se formam entre alunos, que são distinguidos, muitas vezes, por afinidades e ideais - que é possível serem caracterizados por “tribos” -, não existiria também algo que separe os alunos dos professores, uma “barreira”, talvez hierárquica que iniba o

aluno e dificulte uma relação social mais próxima entre professor e aluno? A formação de uma turma em uma sala de aula se dá em classes enfileiradas, e uma pessoa detentora do saber a quem os alunos devem prestar atenção, obedecer e confiar em suas informações oferecidas. Como o aluno confia no professor? Por meio de sua formação, ou por sua postura como professor? Que tipo de postura alguns professores estão tendo em sala de aula para que os alunos se sintam confortáveis em tirar suas dúvidas, em questionar, se instigar, e se formar?

A aluna “L” da escola Professora Delfina Bordalo explicou que enquanto estavam produzindo vídeo, ela pode conhecer um lado da professora mais divertido, não era “[...] aquela professora braba que só ensina matemática”. Apesar da aluna ter expressado o comentário em tom de descontração e não uma “denúncia”, é possível entender que a postura “braba” da professora seja em relação à uma postura séria que a professora possivelmente impõe em sala de aula. Um depoimento semelhante da aluna “N” sobre a mesma professora, expressa que na produção de vídeo, ela conheceu uma professora que não conhecia “[...] menos séria, mais divertida, mais descontraída”.

A professora “J” da escola Prof.^a Delfina Bordalo, relatou em seu depoimento que os alunos percebem que na hora de fazer filme o ambiente se torna mais descontraído, que na parte da tarde (horário que realizavam as produções de vídeo na escola) era um tipo de relação e na parte da manhã (em que eram realizadas as aulas normais) era outro tipo de relação. A professora atribui que na parte da manhã o ambiente é mais formal, diferente de quando estavam participando do vídeo que podem se descontrair mais.

Na entrevista com a professora “C” da escola Parque Fragata, após a produção de vídeo e durante a realização da entrega dos prêmios no festival, a professora diz que sua relação com os alunos, antes considerados mais problemáticos, hoje “[...] este relacionamento melhorou cem por cento, a gente fala de igual para igual, nós ficamos no mesmo patamar [...]”. Este ficar no mesmo patamar, relacionamos com a horizontalidade de Freire (1982), uma relação horizontal de formador e formando, uma relação onde não existe um opressor e um oprimido. Uma relação que não imponha uma situação limite (FREIRE, 1982), que neste caso seriam “barreiras” que o professor, em sala de aula, - no sentido de ser um ato inconsciente -, determina um limite simbólico que os alunos não podem passar. Esse limite pode impedir que o aluno contribua em sala de aula, que exerça um diálogo, exerça sua função criadora sobre o mundo para a modificação do mundo. Para esclarecer, neste sentido, a referência de opressão nesta pesquisa: um professor que impõe a situação limite oprime o aluno de exercer o diálogo e assim ser criador e modificador do mundo. Podemos observar

evidências da carência deste diálogo no relato da aluna “N” respondendo sobre a diferença da produção de vídeo para as aulas normais

[...]eu acho que são as ideias, pois neste projeto a gente põe a nossa opinião, a gente fala o que a gente pensa, a gente fala o que a gente quer e o que a gente pretende... o nosso objetivo. E na sala de aula a gente tá mais ali pra aprender, aprende o que eles (professores) têm a nos ensinar. No caso do projeto a gente tá querendo mostrar o que a gente sabe [...].

“K”, dá uma opinião semelhante, dizendo que em sala de aula os alunos estão presentes para escutar o que o professor tem para falar, mas com o vídeo ela pode dar a opinião dela.

É importante ressaltar que não cabe a esta pesquisa questionar o comportamento do professor em sala de aula, mas sim trazer uma reflexão que o ambiente escolar pode ser um ambiente difícil e isso poderá causar interferências na comunicação entre aluno e professor. A intenção é evidenciar que a produção de vídeo é um instrumento que aproxima o aluno e professor por meio de sua interação no processo de fazer vídeo, quando trabalhado lado a lado com o professor, permitindo que este se mostre não um detentor do saber e permitindo-se a ser ensinado por seus alunos. Ajudando o aluno a se expressar, a ser autônomo e ser um sujeito criador de sua situação no mundo. A produção de vídeo em Capão do Leão permitiu além da aproximação entre aluno e professor evidenciado nos relatos dos professores aqui visto, como também em um retorno no rendimento escolar expressado na entrevista da professora “A” da escola Senador Darcy ribeiro.

O depoimento da professora “J” em sua página pessoal no *Facebook*, expressa a sua satisfação e alegria após a premiação do I Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão, em ter realizado o trabalho junto aos alunos, evidenciando mais uma vez a fortificação na relação afetiva entre professor e aluno:

Ontem à noite dia 08/12/16 prestigiei juntamente com alguns dos meus alunos o resultado da experiência mais gratificante que já tive oportunidade de participar durante estes três anos de docência na escola pública. Foi lindo demais, emocionante demais, cheio de vida, de alegria contagiante receber tantos prêmios no I Festival de Vídeo Estudantil do Capão do Leão. Um projeto novo no município que abracei por acreditar que envolveria os alunos de forma prazerosa e divertida. Os resultados foram surpreendentes e nossos laços de amizade, cumplicidade e união se fortaleceram a cada dia do processo de construção dos vídeos estudantis. Não tenho palavras para agradecer meus guerreiros queridos alunos, minhas amigas e colegas bordaletes, pais que permitiram e apoiaram nossa participação, amigos e parentes, que ajudaram dando seu voto on-line, o professor Josias Pereira, SMED, Izabel Cristina que junto comigo acreditaram em nosso sonho e unidos conquistamos as premiações[...].

É possível notar que a professora ressalta a fortificação dos laços de amizade com seus alunos, mostrando que a escola pode ser um local prazeroso. O professor, mais que um profissional contratado para passar, por vezes, somente o conteúdo programático, pode ser uma pessoa que inspire mais os alunos, que se torne uma pessoa confiável para os alunos e não alguém superior detentor do saber. Mais ainda o professor pode ser considerado um verdadeiro amigo, como aconteceu na produção de vídeo em capão do leão, presente no depoimento da aluna “N” sobre sua professora, no qual ela faz uma homenagem à professora na entrega dos prêmios chamando-a de melhor amiga:

[...]Quero fazer um agradecimento especial à professora “J”. Mesmo com todas as brigas e dificuldades, ela estava lá, acreditando na gente, dizendo: Cara, não desiste que a gente tem chance. O improviso, tudo como foi... e hoje a gente receber todos estes prêmios, a gente só tem a agradecer a “J”. E dizer que além de ser uma excelente professora de matemática ela é uma ótima câmara. Olha, sinceramente, uma melhor amiga... meus parabéns e hoje se alguém ganhou aqui foi a senhora.

O discurso foi realizado enquanto seus colegas na plateia celebravam gritando o nome da professora. Logo após o discurso da aluna “N”, a sua colega “L” também manifestou sua gratidão à professora:

Eu também quero falar da professora “J”, cara, ela foi a principal pessoa que nos incentivou, que disse: gente, vamos lá, vamos fazer, a gente tem chance, ela nunca descreditou da gente. Ela foi a principal pessoa por hoje a gente estar aqui, o segundo melhor vídeo de Capão do Leão. Foram dez meses de empenho, foram dez meses da professora “J” dizendo: “Vamo” lá, gente, vamos gravar, esta ruim, corta[...].

A aluna finaliza ainda o discurso com “[...]Professora “J”, a gente te ama!”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de vídeo nas escolas de Capão do Leão necessitou do apoio da secretaria da Educação da cidade para a realização do Festival para fornecer o transporte dos alunos quando necessário. Além disto, os professores necessitaram do apoio da direção das respectivas escolas e a disposição de horários para trabalharem, sendo que algumas escolas só permitiram a realização da produção de vídeo se estas fossem realizadas fora do período escolar. No caso da Escola Prof.^a Delfina Bordalo, a professora “J” precisou utilizar o horário

que ela disponibilizava para dar reforço da sua disciplina para os alunos. Além disto, a professora necessitou disponibilidade de tempo para poder levar o material produzido dos alunos até a Universidade Federal de Pelotas para ter apoio técnico de edição do material. Além da defasagem tecnológica que as escolas normalmente têm, o professor participante necessita destes e demais apoios para a realização do projeto. É possível que a força de vontade e a persistência de realizar os vídeos seja um requisito para o sucesso do trabalho por parte dos professores e alunos. Além disto, os dados mostraram que os alunos se dispuseram a trabalhar fora de seu horário de aula - assim como os professores -, com o apoio e persistência, por vezes sem o reconhecimento por meio de avaliação do professor, ou seja, sem receber nota pelo trabalho.

Como uma atividade extra-aula, a produção de vídeo na cidade de Capão do Leão em 2016 resultou numa aproximação entre professor e aluno, no qual, como vimos nos relatos, teve casos da manifestação direta de afeto sendo o professor considerado verdadeiro amigo. Este tipo de relação se reflete nas aulas normais, trazendo não só uma comunicação melhor com o professor mas também respeito e admiração mútua em sala de aula além da melhora do rendimento escolar.

Apesar dos benefícios oferecidos na produção de vídeo, é preciso salientar, que seja possível que os professores participantes do projeto, não tenham feito a reflexão merecida sobre a produção de vídeo em sala de aula. Talvez por inibição de estarem em frente à câmera, durante as entrevistas, os professores por vezes não sabiam responder sobre os benefícios observados por eles sobre a produção de vídeo.

A produção de vídeo é um instrumento pouco explorado pedagogicamente e com inúmeras possibilidades de aplicação e não somente como atividade extra-classe. Podemos perceber que um dos principais benefícios é a possibilidade de utilizar o vídeo como uma ferramenta que oportuniza o reconhecimento de temas geradores para dentro da sala de aula, tendo em vista que o aluno traz seu cotidiano, seu universo e sua mensagem nos vídeos.

Freire (1982) nos fala que o ser humano é o único capaz de ser livre, pois ele é o único que pode recriar sua situação no mundo. É característica do ser humano ser criador. Tirar esta capacidade criadora é tirar a humanidade, é desumanizar. A produção de vídeo nas escolas é o um ato de amor, o que para Freire (1982), este amar é um compromisso com a liberdade do outro, é o reconhecimento de que o outro é livre. A produção de vídeo nas escolas contribui para a humanização do aluno, um ato de amor que o torna livre de ser criador de sua situação do mundo.

7. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BRASIL. **Leis de diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Último acesso em 28 de outubro de 2016.

CHRIST, D. K. **Perspectivas de ensino e expressão com o cinema: Um estudo a partir do projeto oficina de vídeo estudantil.** UFPEL, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro. Paz e terra, 1982.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2007.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula.** *Revista Comunicação e Educação*, USP, São Paulo, v. 2, jan./abr. 1995.

NERI, M. **Motivos da Evasão escolar.** Instituto Unibanco. 2010. p.6 - 35.

PEREIRA, J; JANHKE, G. **Produção de vídeo nas escolas: educar com prazer.** Pelotas: ErdFilmes Editora, 2012. p,55 - 56.

_____. **Verdade derradeira: Porque a TV pode mentir.** ErdFilmes Editora, 2007.

PAPERT, Seymour M. **A máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

PEREIRA, J. **Produção de Vídeo nas Escolas.** Uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador. ERD Filmes, 2014.

_____. **Novas tecnologias de informação em redes educativas. Diálogos entre praticantes da Educação.** ERD Filmes, 2008.

SILVA, A. **A produção audiovisual como recurso pedagógico capital cultural e autoestima.** UFPEL, 2016.

SOARES, Tufi Machado. **Por que você perde seus alunos?** Instituto Unibanco. 2011, p.6.

UNIBANCO, Instituto. **Quem são os jovens fora da escola.** Boletim 1 aprendizagem em foco (2016).

_____. **Aprendizagem em foco.** Acesso ao ensino médio melhora, mas níveis de aprendizagem são preocupantes. Boletim 2 Aprendizagem em Foco (2015). p.25